

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Finalmente abrirão-se os salões do *Cassino Fluminense*. Depois de tantos sustos, que a demora deste baile este anno nos occasionou, o mundo elegante viu quarta-feira o brilhantismo da sociedade fluminense, alegre e prazenteiro, fazendo a sua reentrada no *Cassino*. Já era tempo de matar saudades de um baile que é sempre desejado, e esperado com tanta ansiedade; pois é por elle que se anima a febre balante que por todo o inverno accommette os nossos salões. Para isso veção que semana esta que hoje se finda! Que vida, e que animação tiverão os nossos salões! E não sabeis, queridas leitoras, a quem se deve isto?

— Ao baile do *Cassino*?

— Sim, ao baile do *Cassino*. Ha em nossa imaginação um sonho encantador que embala o coração, enquanto na ausencia desse baile nelle pensamos: então invocamos odoríferas lembranças da vida que gozámos em seus salões durante o inverno passado; e cientes, afoutos na esperanza, almejamos o dia de seu apparecimento; elle surge, saudamos-o freneticamente, e desde então tudo é animação; porque a mais feliz estação da vida principia a se gozar.

— Muito bem, a Francisca está uma romantica de chapa.

— Que quereis, amáveis leitoras, a vossa Francisca é fanatica pelos bailes; vive dessas illusões, e sonha com ellas; além de que, como olvidar horas de indizível ventura, tão pura e serena como a que

devem gozar os anjos, e que ella gozou no baile do *Cassino* na quarta-feira?

O que ha de mais lindo e encantador no madamismo fluminenseahi se agrupava nesses salões, ahi ostentava suas seducções e encantos, e ahi dava uma verdadeira animação ao baile. Confesso que, seduzida pela vida animada que ahi se gozava, e, o que é mais provavel ainda, pelos lindos e pretos olhos de uma moreninha que ahi imperou, cheguei a considerar um baile como parte da felicidade humana. Talvez haja quem diga por ahi—que aspeira! que pensamento tão exquisito!—Mas o que quereis? São fraquezas de um pobre coração; o meu vive destas innocentes e risonhas illusões; deixal-o viver assim. É tão doce e innocente esta existencia!!

Devido á influencia já do baile do *Cassino*, pois que foi bastante o annuncio de que na quarta-feira elle abria os seus salões, para que no mundo elegante se notasse extraordinario movimento de animação, os nossos salões esta semana têm estado brilhantes e animadores.

Nô sabbado o *Club* deu o seu primeiro baile da estação, e é forçoso confessar que não esteve como se esperava; nem sei mesmo se serei censurada por dizer que bouve friza no correr da louca-valsa e nos volteios da voluptuosa schetische; o que se notou foi mui ricos e elegantes *toilettes*; sobre sahindo muito o de uma encantadora moça que trazava um vestido de seda cor de rosa, de corpo deco-

tado, ornado de uma bertha que vinha morrer na cintura, que tinha graciosamente dous laços de fita á Luiz XIII; a saia tinha tres folhos recortados á ferro; um collar e pulseiras esmaltadas e guardie-cidas de pedras preciosas. O cabello era penteado em raizes puxadas e separadas no centro para circundar um diadema de ricas pedras: os cabellos de traz dividião-se em duas partes, entrançados por fitas de veludo, e seguros por um pente-marquiza. Esta moça assim tocada estava primorosa, e, como ella, haviam outros muitos ricos e elegantes *toilettes*.

O *Cassino Commercial* tambem deu no sabbado, nos velhos salões do Paraíso, o seu baile mensal, e ainda que eu lá não estivesse, me contou uma amiguinha do Cattede que o baile esteve melhor que o passado, que houverão muitas moças bonitas, e lindissimas *toilettes*; e que as duas irmãs de S. Christovão, afugentadas dos nossos salões, ahi comparecerão, lindas e encantadoras!

Nessa mesma noite tambem na rua do Principe, por occasião de um baptisado, houve um esplendido *soirée*, aonde as horas passaram-se rapidas, entre os prazeres da dança e do canto; e aonde se vião bem seductoras moças.

Na segunda-feira installou-se nos salões do Paraíso uma nova sociedade dramatica e bailante que tomou o lindo nome de — *Recreio Fluminense*. A sociedade, composta da flor dos nossos mancebos, construiu á sua custa no salão da Beneficencia Portugueza um elegante theatrinho pintado e decorado com gosto, e ahi representou a graciosa comedia — *A vendedora de ostras* —, perfeitamente executada quanto ás forças da nascente e curiosa companhia: a protagonista da comedia foi lindamente desempenhada por uma interessante joven, que com bastante habilidade demonstrou todo o seu talento, e muito promette para o futuro. Fimda a representação, seguiu-se o baile, que se estendeu até depois das tres horas. A reunião estava brilhante e luzida. As nossas bellas, vestidas com toda a simplicidade, ostentavam assim melhor todas as suas graças e encantos. Uns dizião que a flor do baile era o mimoso *toilette* de seda azul, que ao lado de um guapo mancebo tão lindamente dançou a schotische. Esta bella moça é uma das nossas bellezas, e sempre é cercada de adoradores em qualquer reunião que compareça; outros porém quererão dar a preferença á uma interessante moça que trajava um vestido de seda cor de rosa, e que pelo braço de um deputado do Sul muito passou durante a noite. Eu vos confesso que não houve quem me dirigisse um elogio, apesar de eu ser moça e bem joven; e que, se o meu gosto prevalecesse, dir-vos-hia que gostei de todas as moças, pois que na verdade a reunião era em si um mimoso *bouquet* das mais formosas flores.

Tambem na quarta-feira teve lugar o baile dos militares, que, ainda que dado no mesmo dia do *Cassino Fluminense*, esteve contudo bastante esplendido. O circulo das bellas moças estava desta vez garboso, com a acquisição do lindo *toilette* de nobreza azul, com tres ordens de babados, que, encantador, patenteava mil encantos que seduzião. Notou-se neste baile escolhidos e primorosos *toilettes*: o de setim amarello, enfeitado com largas rendas pretas, denotava um bello gosto, sendo lindissima a senhora que o trazia: o cor de rosa (tarlatana), com salpicos brancos bordados, tambem era distincto; e sobretudo os dons cor de canua das duas jovens de Nictheroy, lindas flores que ali vicejão sempre encantadoras e bellas. Foi crescido o numero das lindas moças que aformosearão a reunião do *Recreio dos Militares*. Os olhos de uma travessa moreunha por lá imperarão de maneira tal, que ainda hoje certo poeta disse-me que tem constantemente sonhado com elles. Na verdade não ha nada mais seductor para inspirar um sonho do que os formosos olhos de uma bella moça. Assim podese tambem eu sonhar com os olhos de um travesso mancebo, louro, de olhos azues, que tão garboso valsou á fuzleza com um dos feiticeiros anjinhos do salão.

Mas basta de chronica: meu Deus! como vai ella extensa! Desta maneira abuso da indulgencia das minhas queridas leitoras; mas o que querem? A tal Sra. semana que se finda hoje foi tão animada; os nossos elegantes salões tiveram tão bella vida, que é necessario seguir os movimentos todos que se derão por estes sete dias. Ainda hontem, no Andaraky, teve lugar um grande baile de fantasia, aonde tudo foi alegria e prazer.

E o debut de M.^{mo} Charton? Parece que agradou pela grande ovação que lhe fizeram. E Mr. Bouchè? E' grande artista; e tem bastante merecimento. E o bailarino, é a bailarina? Danção e pulão como uma carapeta.

Meu Deus! que semana tão bella! E, para coroa-la de festejos e alegria, lá está a Familia Imperial na cidade de Nictheroy; e tudo quanto ha de elegante na sociedade fluminense para lá se transportou, que por estes quatro dias em Nictheroy tudo é festa e prazeres; e a vossa Francina tambem para lá vai hoje a ver tudo, para domingo contar-vos; porque no relatar dos prazeres vão novas emoções, e nestas emoções uma vida toda de encantos e seduccões.

Basta; nem mais uma palavrinha; tenho receio de perder o vapor; e ás carreiras lá vai a vossa Francina para a formosa e pitoresca Nictheroy.

Até domingo.

Rio, 24 de Junho de 1854.

Francina Oscenia.

A NOIVA DO KYNAST.

Que motivo haverá para abaixar a ponte levadica, e para que a porta do castello ranja tão fortemente sobre seus ferreos gonzos!? — E' a chegada dos vassallos da joven condessa Amelia, que veem ro-

gar-lhe que com a possivel brevidade escolha um esposo digno de os governar e conduzir á guerra.

O velho conde do Kynast falleceu, a patria tem a tomar vingança das injurias e graves insultos que

dos estranhos tem recebido; emfim, os vassallos pretendem um chefe que os guie á victoria! Mil nobres cavalleiros estão dispostos a desafrontar-se ou a morrer sobre o campo: gloria e amor excitão sua coragem; mas (oh fatalidade!) tudo é inutil, porque Amelia jurou de nunca se desposar. — Os vassallos entrão no castello, e Amelia, vestida ainda de pesado luto, os recebe. Expoem-lhe elles a razão que ali os traz, e o desejo que têm de a ver uida a qualquer cavalleiro da sua escolha. A condessa ouve com attenção a supplica que seus vassallos lhe dirigem, e os ponderosos motivos que lhe apresentão: guarda silencio por alguns momentos, e depois assim lhes falla:

— Bem a meu pezar annuirei ao vosso desejo; porém é preciso que vos advirta que eu jámais darei a minha mão a qualquer individuo que a pretenda sem que primeiro elle me offereça uma prova incontestavel do seu amor. Aquelle que m'a der será meu esposo.

— Qual é, senhora, a prova que exigis? perguntão simultaneamente os circumstantes.

— Qual ella seja já vós não a deveis ignorar. Meu pai, passeando um dia em volta das muralhas deste castello, olhou inconsideradamente para o fundo do abysmo que o cerca, turvon-se-lhe o cerebro, e jaz agora no negro barathro. Aquelle, pois, que pretender a minha mão, deverá percorrer a cavallo as perigosas muralhas do Kynast, do contrario ninguem entrará no meu leito nupcial.

Ditas estas palavras, retirárão-se nobres e vassallos da magestosa sala onde a Sra. do Kynast os havia recebido.

Mais de um guerreiro foi examinar os escabrosos muros do castello, e calcular o perigo; porém nenhum d'elles ousou expor-se; isto mesmo era o que a condessa tinha previsto já. O castello ficou desde então silencioso e quasi deserto, e Amelia pôde assim livremente entregar-se á dor (causada pela morte inesperada de um pai della tão querido) que opprimia seu coração, sem que nenhuma festa a viesse interromper.

Alguns dias se passarão sem que algum apparecesse ao castello a pretender a mão da condessa, até que a final um esbelto cavalleiro, possuido de enthusiasmo e de amor, se apresenta: este era o conde Alberto, conhecido em todo o paiz pelo seu nascimento e valor, o qual vinha offerecer-se para percorrer os perigosos muros do Kynast. *Viver ou morrer por Amelia* era a sua divisa.

Annuncia-se o conde, e ao mesmo passo declara o motivo da sua viagem, e o terrivel voto que tinha feito. A condessa fica estupefacta sabendo que o joven Alberto queria expor-se a tão arriscada empreza: ordena ao seu mordomo que em seu nome rogue ao conde que desista do seu intento, e a deixe, por piedade, chorar em triste retiro a misera sorte do autor de seus dias.

Pede o guerreiro ao mensageiro que lembre á condessa o juramento e promessas que tinha feito, pois que elle resolvido estava a não deixar o Kynast sem primeiro cumprir o voto que na sua divisa se lia: — *Viver ou morrer por Amelia!*...

A vista de tal resposta ordenou Amelia que Alberto fosse trazido á sua presença. Entra o conde na sala em que era esperado, e perante Amelia novamente declara a sua firme tenção.

— Vós ides entregar-me (diz a condessa) a uma desesperação eterna: ouvi meus rogos, dignos são elles de ser attendidos. En não vos amo, e não é, portanto, amor que faz que eu vos peça para que desistais do vosso projecto; porém quem poderá deixar de se interessar pela vida de um guerreiro cujas façanhas são de todos sabidas? Acredita-me, seuhor, o valor com que quereis desafiar a morte é filho de um desejo insensato, é uma tentação funesta. Ah! nunca pretendi fazer um jogo frivolo da vida dos homens, desejava sim viver-livre e ignorada d'elles, eis o que ambicionava! Julguei que não havia homem que quizesse correr o risco de uma morte inevitavel para obter minha mão. Mas a vossa presença veio enganar-me, e mostrar-me o erro em que laborava. Desgraçado! a vossa pertinácia trazer-vos-ha a morte; se algum amor me tendes, abandonai vosso fatal designio, do contrario em breve sereis victima da morte! Tende compaixão de uma triste orfã, tende compaixão de vós mesmo.

Amelia, observando que bem snas lagrimas, nem seus rogos, movião o conde Alberto, lança-se a seus pés, e em nome do Céu lhe pede que a esqueça, e abandone para sempre os fataes muros do Kynast; porém Alberto a nada attende: — *viver ou morrer por Amelia* é a sua divisa, é a sua resposta!

Alberto manda approximar seu cavallo. Seus pagens ficão immoveis! A consternação vê-se pintada em todos os semblantes! Um sacerdote deita a benção sobre o conde, e Amelia apparece então vestida de noiva.

Tres vezes se ouvirão os sons dos clarins, signal de amor ou de morte, e ao ultimo toque Alberto monta o seu cavallo, e corre a toda a brida pelos fataes muros do Kynast. A doce esperanza de ser naquelle mesmo dia esposo de Amelia não abandona o audacioso cavalleiro. O fogoso cavallo marcha com rapidez e segurança; porém, chegado que foi ao sitio fatal, uma pedra se desprende das outras, o cavallo não pôde segurar-se, e tanto este como seu dono se precipitão no profundo abysmo que cerca o castello! A vista de uma tal desgraça cabe a condessa esvaecida, uma febre ardente a devora, e só passadas algumas horas é que recupera os perdidos sentidos, e vê diante della tres jovens cavalleiros, filhos todos de uma das mais nobres familias do paiz, que vêm offerecer-se para fazerem o fatal gyro.

Amelia insta com elles para que abandonem seu horroroso projecto: offerece-lhes seus bens e riquezas; relata-lhes a morte do conde Alberto; mas tudo é baldado, porque as lagrimas da condessa, em vez de moverem os tres guerreiros, augmentavão o seu enthusiasmo e o desejo que ali os tinha trazido.

— Nós descendemos de uma familia nobre e guerreira, respondeu o mais velho dos tres irmãos, e se o conde Alberto soube morrer pela formosa Amelia, nós tambem temos o mesmo direito. Um de nós será vosso esposo, ou todos tres o seremos da morte.

O irmão que assim acabava de fallar não espera mais tempo. Despede-se de Amelia e dos dous irmãos, sãda o resto dos circumstantes e parte immediatamente.

Meio caminho tinha andado, quando um grito de terror e de espanto se ouviu! O cavallo espanta-se, e o infeliz cavalleiro desaparece!...

O segundo irmão, não obstante esta fatal occurrencia, não desanima; invoca o Céu em seu auxilio,

e parte a toda a brida; porém no mesmo sitio vai juntar-se ao primeiro irmão!...

A pallidez da morte se divisava em todos os semblantes. Amelia, banhada em lagrimas, instava com o terceiro afim de que abandonasse seu fatal projecto, lembra-lhe ser elle a unica esperanza de uma nobre e distincta familia: porém o mancebo nenhuma attenção presta ás rogativas de Amelia. A sua resposta foi: que elle sabia qual era o seu dever como cavalleiro, e que se a sorte de seus irmãos tivesse tambem de ser a sua, seu pai ficaria ao menos satisfeito sabendo que o ultimo de seus filhos tinha finalmente cumprido o voto que tinha feito. Ditas estas palavras, pica fortemente o seu cavallo, parte com a velocidade do raio, e como raio desaparece! O profundo abysmo que cerca o castello lhe serviu tambem de sepultura!...

Amelia, não tendo força para resistir a tantas e tão grandes desgraças, cahe por segunda vez desfallecida. Suas damas a conduzem ao seu leito de dor. As ultimas palavras dos tres mancebos estão gravadas na memoria da condessa. Figurava-se-lhe que a morte a chamava, sonhos horriveis de continuo a atormentavão, e a todo o instante lhe parecia ouvir a voz dos quatro mancebos; e que lhe pedião viesse quanto antes reunir-se a elles.

Entretanto Amelia ia recuperando suas forças, e com ellas a existencia, mas nunca a ventura. Por toda a parte ella não via mais do que quadros de mágoa e de dor. A presença dos homens a horrorizava.

— Vivia tranquilla e socegada, dizia ella, forão elles que roubarão a paz de que gozava meu coração! Embora venhão outros cavalheiros tentar a viagem homicida do Kynast, eu não poderei ser arguida da sua morte!...

Com effeito, alguns mancebos ainda vierão ao castello a ver se poderiam vencer o perigo: porém elle era tal, que se retiravão sem o haver tentado. A condessa olhava com a indifferença propria de um coração endurecido para este jogo barbaro e inhumano; todavia, ella não cessava de chorar amargamente a cruel sorte do conde Alberto, e dos tres irmãos que depois d'elle haviam perecido; porém a dos cavalheiros que vierão depois delles era-lhe totalmente indifferente.

Grande era já o numero das victimas, quando um esbelto cavalleiro chega ao afamado castello, e pede para fazer o gyro das muralhas homicidas. Rica e magestosa era a armadura que trazia; seus olhos brilhavão sob o seu capacete como astro luminoso em noite escura. A sua vista, Amelia, apesar da insensibilidade que a dominava e dos seus protestos, sente em seu peito forte emoção! Amor se apodera de seu coração e faz redobrar seu pezar.

O guerreiro pede, como graça, para percorrer os muros do Kynast. A condessa não pôde dissimular seu amor; roga ao cavalleiro que desista do seu fatal projecto, porém nem lagrimas nem gemidos o fazem mudar de tenção.

— Pois seja assim, lhe disse a condessa vendo que seus rogos e lagrimas nada podião sobre o coração do pertinaz mancebo; porém esperai mais um dia.

Um unico dia! Concedei não a mim, mas a vós, esta curta demora: — bem curta ella!...

Esplendido banquete se prepara em uma espaçosa sala do castello. O cavalleiro toma a harpa do bardo, e a seus sons maviosos canta os prazeres de amor. Seu doce canto penetra e fere o coração da formosa Amelia, a qual em claro passa toda aquella noite.

Se elle triumphava, dizia a condessa consigo mesma, morrerei de alegria e prazer; mas se succumbe, com elle succumbirá a herdeira do Kynast.

O dia começa a despontar. A noiva vendo como o heróe estava risoubo, um rubor celeste lhe cobre suas faces mimosas, prova manifesta da paixão que já não pôde disfarçar. Não, Amelia já não pôde encobrir ao mundo o excessivo amor que a devora. Em seus niveos braços ella aperta ternamente o joven guerreiro, mas elle recebe com tristeza tão viva demonstração de affecto.

— Condessa! o momento em que devo corresponder ao amor que me manifestais ainda não é chegado.... Escutai! As trombetas chamão pela victima! adeos, virgem do Kynast!

Amelia cahe desfallecida. O cavalleiro corre a toda a brida pelas muralhas do castello, e a final vence a perigosa viagem. Um grito geral de alegria e contentamento chama á vida a bella condessa, ella vòo ao encontro do guerreiro, e assim lhe falla:

— Heróe! guerreiro! Deus e amor coronarão vossos sacrificios. O Kynast vos saudava e recebe como seu novo senhor! Que nenhum desprezar nos separe.

O cavalleiro olha attentamente para os circunstantes, cujos corações pulavão de prazer e alegria, e depois, dirigindo-se á condessa, desta sorte lhe falla:

— Affastai-vos de mim, senhora! jámais a condessa do Kynast será minha esposa. Onde estão os vossos amigos? Onde o conde Alberto? Onde os tres desgraçados irmãos e tantos outros mancebos? Vós os assassinastes! Nunca aceitarei vossa mão sauguiolenta! Uma mulher joven e bella impera ha muito tempo em minha alma, é ella e não vós que tomarei por esposa. A vossa paixão despedrada despedaçará vosso coração cruel; eis o castigo que mereceis—Victoria! meus amigos, exclamou o magnanimo heróe, estamos todos vingados.

Isto disse, e picando fortemente o cavallo, em um momento desapareceu.

A condessa tinha cahido em um entorpecimento mortal, do qual sahiu passado alguns instantes, como de um sonho horrivel. Vacillante, dirige-se ao muro fatal; seus pagens de longe a vão seguindo.

— Amor está vingado! exclamou ella. Desprezei os mais afamados guerreiros, e a meu turno tambem sou desprezada. Mas porque differir mais tempo o meu consorcio? Os mancebos que pretendirão minha mão jazem no fundo do abysmo que cerca este muro fatal, é á elles que vou reunir-me. Guerreiros, recebei a victima.

Assim acabou a nobre familia do Kynast, e com ella toda a esperanza de seus vasallos se desaffrontarem dos injuriosos insultos que os povos visinhos lhes fazião!!

(Tradução extr.)

POESIA.

ESCUA.

Escuta, não tenhas medo,
Vem ouvir o meu segredo,
Vem ouvir-me a confissão;
Não sejas má — vem, lindinha,
Quero ler-te a sina minha,
Murmurar-te uma oração.

Ah! não vens?... Eu fallo alto:
Vou-te pôr em sobresalto
E vou-te fazer corar...
Já voltas, minha innocente?
Vens-te sorrindo contente,
Pois vou-te fazer chorar.

Ah! já choras?.. Pois me calo
Eu não quero mais contal-o,
O meu segredo enfadonho,
Não fiques assim com medo;
Não conto mais o segredo:
Vou contar agora um sonho.

Sonhei que triste a meu lado,
Como um anginho isolado
Que a nuvem d'oiro resguarda,
Vi-te um dia pensativa,
Como a flor da sensitiva,
Como o meu anjo da guarda!

E estavas assim tão linda
N'aquelle tristeza infinda,
N'aquelle triste sorrir,
Que de tão triste te ver
Entristeci sem querer,
Fui perturbar teu dormir!

Que queres?... Rompeu-me o pranto,
Que quasi de chorar tanto
Por pouco não acordei:
E estavas tão distrahida
Que julgando-te dormida
Tua negra trança beijei!

Não chores mais, meu encanto,
Não precisas corar tanto
Como um botão de romã.
De certo eu não te beijava,
Mas é que então eu sonhava
Que tu eras minha irmã.

Eu bem sei que tu és casta,
Que uma só palavra basta
Para te fazer corar;
Mas é tão puro o segredo
Que eu não sei p'ra que esse medo,
Porque te pões a chorar.

Achaste epitão enfadonho,
Achaste feio o meu sonho?
Não gostaste do segredo?
Pois anda, ri-te, innocente,
Que eu quero ver-te contente,
Não assim cheia de medo.

Não gosto de ver-te assim,
Esperdiçando o carmim
De tuas faces de romã.
Nunca mais te hei de beijar,
Embora venha a sonhar
Que inda tu és minha irmã!

B.

INNOCENTE.

Oh! que linda! como a brisa
Lhe lambe a trança fagueira!
Como a trança roça a face
Tão mimosa e brasileira!

Innocente ao pé da varzea
De cançada se assentou,

Innocente — vergonhosa
Nos meus os olhos fitou.

O pudor é raio puro
Das innocencias do Céu,
Como é linda assim cingida
Desse almo e santo véo!

Tange o sino — ergue-se a bella
Sorriu-se — como ella brilha!
Lá vai, e entra no templo;
Não é anjo — é maravilha.

Cruza as mãos, menina, e resa,
Murmura pedidos teus,

Que eu gosto de ver curvado
Meu amor aos pés de Deus!

LEANDRO DE CÁSTILHO.

(Extr.)

CORREIO DOS SALÕES.

Ah! leitoras! quanto divertimento, quanto espectáculo, quanto baile, quanto theatro, e a noite de S. João, esta noite de tantas recordações saudosas, de tanto fulgido innocente, noite-dia a tantas almas, como disse o poeta! Quanto ovo quebrado, quanto alho plantado, quanta oração murmurada, quanta resa aprendida, e as vozes que expirão no murmúrio dos segredos, e os rostos que se expandem ao calor das fogueiras, e os olhos travessos e bôliçosos que se afogueião ao decifrar de uma sina que comprehendeu seu coração ou adivinhou seus sentimentos! E quantos olhos languidos e quebrados de que um véo de lagrimas comprimidas frouxamente descerra as palpebras esmorecidas, quanta tristeza que se afoga nesse mar de doçuras, quanta ansiedade ao relanpear de um clarão que tem de decidir uma sorte, ao correr de uma estrella que vai explicar um destino! Quanto riso de contentamento, quanta lagrima sentida, quantos — ais — de desafogo e alegria, quantos suspiros de dôr e de tristeza!

Mas viva S. João com suas fogueiras, com seus fulgores, com suas alegrias, com seus prantos, inda que seja no bôlicio dos bailes, no saltar das fogueiras, nos cautos do sertanejo, no batuque da roça, entre as flores dos vasos, e o cristal dos licôres, e o prisma das luzes, ou entre as choças cahidas, as arvores do matto, e o prisma dos ucyoeiros, e as canas assadas, e as batatas cozidas, deixemo-nos; esses nomes parecem prosaicos no meio dos salões, entre ricos *tablets*, sob tectos dourados, mas têm muita poesia no meio dos bosques, entre a gente singela, sob um céu estrellado. Para longe a tristeza e o enafado: vamos rir, vamos brincar. Se fostes convidadas para o baile de fantasia de Andaraby, ide, e contai-me o que houve; tendes algum outro convite, não percaís, principalmente se for em alguma chacara. Cada um trate de divertir-se como puder, que o vosso *Correio* tambem vai divertir-se.

Ah! leitoras! imaginai que estou em uma sala perfectamente illuminada, que em torno de uma mesa redonda estão sentadas oito pessoas, á excepção de muitos que lá se andão divertindo por fóra; é n'uma das mais lindas chacaras dos nossos arrabaldes. As oito pessoas, eu disse mal, havia só uma pessoa, que era eu; as outras eu não sei como defini-as; se fosse poeta eu as chamaria *gnomos*, *sylphos*, estrellas, seres mysticos, com duas almas, duas figuras, que desaparecem quando querem, offuscando com o brilho de seus olhos a vista dos incautos que osúrião fital-as, e apparecem repentinamente em um instante qualquer, e se annúncião por

um riso malicioso, por um ranger das sedas de suas saias, por um pé ligeiro que deslisa rapidamente o assoalho de um salão, ou a arêa de um jardim, por uma palavra clara, forte, simples, graciosa, viva, que acorda todos os sentidos adormecidos de um homem, faz palpar-lhe o coração em ancias, estremece-lhe todas as fibras, abre-lhe os olhos, incendia-lhe a vista, afogueia-lhe as faces, enfim, cegoa completamente de um pobre mortal que muitas vezes anda de rojos pelo chão implorando um olhar, um gesto, um riso, uma palavra só; mas essa, partida dos labios della, que lhe resnane toda a vida, as recordações do passado e as creanças do futuro! Erão moças.

Vamos ás sortes! bradarão de uma só voz. E eu, é preciso confessar, não deixava de estar influído no meio d'aquelle céu primoroso, d'aquelle jardim tão bello... assim como me convidarão para tirar sortes, se me tivessem convidado para ativar-nos em caldeiras ferventes, eu teria accitado. Tiro eu, tira fulana, acabarão-se as questões, rirão-se muito antes de começar, e a final declararão que ia-se proceder á sorte sobre a pergunta seguinte — será feliz nos amores? A consa não era para convidar-me. Soldado valente tenho entrado muitas vezes em campanha, e nunca recuei uma só vez senão completamente derrotado; não tinha mais no coração um logarzinho vulneravel, nem á ponta de um alfinete, as chagas forão tantas que acabarão por gangrenal-o; mas enfim lá fomos, e o que me havia sahir...? As minhas leitoras não acreditão, não é possível; é um facto monstruoso, hediondo, não ha expressão que o signifique! Foi o verso seguinte:

Se o curioso rapaz
Quer saber minha lei cria,
Basta olhar p'ra o seu passado
— E aponte victoria sua!

Ora, na realidade, não era eu o mais proprio para appellar para o passado, e menos apontar victorias; mas, antes que eu tivesse feito essa reflexão, fui envolvido n'um côro de risadas estridentes, e todos á porfia a gritarem — muito bem, é tal qual, a sorte sahiu muita certa —; e o mais é que a minha inalteravel bonhomia estava a ponto de perder-se; o meu sangue frio fugia, e no estado em que me achava seria bem capaz de uma apujada motejante e graciosa da parte elegante: só me restava um recurso, e, como militar experimentado, aposei-me delle como um general de uma boa tricheira em retirada. Com licença, minhas senhoras, disse eu

respeitosamente, tenho de fazer o *Correio dos salões* e não posso faltar de levá-lo amanhã muito cedo.

E fui-me levantando, e ellas acompanharam-me até o portão da chacara dizendo — então deu o cavaco com a sorte? não faça caso. — E eu a responder — não, senhora, já estou muito habituado — e outras banalidades, que entretanto servirão para fazer a retirada de minha decima-terceira derrota em ordem de defeza e batalha.

Acabarão-se as festas, minhas leitoras, estamos na manhã de domingo, o vosso *Correio dos salões* está sentado á sua mesa, pedindo noticias ao carteiro que está defronte. Pelo que parece, todas as minhas leitoras, ou quasi todas, já se levantarão, lavarão os lindos rostos, e, á moda de nossos antigos pais, espírião suas sombras sobre a agua para ver se hão de ter muitos annos de vida para festejar

S. João. As noticias, minhas leitoras, não houve tempo para reunil-as, o que sei é que tem havido muito divertimento; só na quarta-feira — estréa de M.^{mo} Charton, baile do *Cassino*, que já parecia morto — militar, e uma infinidade de outros divertimentos que longo fóra enumerar-vos. E o Sr. Bouché, e M.^{mo} Charton? Fallaremos delles? Não, que as nossas leitoras já mui bem os conhecem. As fogueiras, as sortes, e tudo o mais que occorreu, queridas leitoras, fizeram com que este *Correio* sahisse assim entre fumo de fogueira e espreguicamento de sombo; porém vós perdoais, não é assim? E' tão bom brincar a gente sem cuidar das obrigações do outro dia! Demais estive n'um circulo de moças travessas, inquietas, caçoistas, *escarninhas*, segundo vossa linguagem encantadora, que é bem desculpavel se isto vai assim defeituoso e monoton.

O *Bejanim*.

BOLETIM THEATRAL.

Talvez poucas épocas se encontrem no nosso Rio de Janeiro, de divertimentos theatraes, como a quadra actual. Quasi uma columna dos jornaes de nossa imprensa vem todos os dias occupada com os annuncios de theatros.

O de S. Pedro de Alcantara continúa com suas enchentes, e, apesar de se ter retirado da scena por alguns dias o Sr. João Castano, os talentosos funambulos têm attrahido por seus bellos trabalhos gymnasticos uma concurrencia crescida do nosso povo frequentador do theatro. O de S. Francisco, com a companhia que se acaba de restaurar e com a reentradada de M.^{mo} Favrichon, promette noites deliciosas ao nosso publico *dilettanti*, que, é força confessar, tem uma grande propensão para esse genero de divertimento. A Sra. Favrichon é talentosa, o nosso publico já a conhece e tem tido occasião de apreciar a e de fazer-lhe justiça; os applausos que tem conquistado, todas as vezes que tem apparecido, são a prova mais conclusiva que se pôde apresentar em seu auxilio, quando ella precisasse de justificar o seu merito. Até aqui seria bem possível que os apreciadores do drama em francez fossem limitados e se restringissem em um circulo estreito; mas hoje, que o nosso adiantamento e a vulgarização da lingua se tem operado no povo, estamos convencidos de que hão de agradar sumamente essas representações, e que terão um feliz effeito.

O theatro lyrico com a estréa do Sr. Bouché occupou a attenção geral. A fama que trazia este cantor, a reputação illibada que alcançou nos primeiros theatros europeus, justificava a aciedade que o publico do Rio de Janeiro manifestou á noticia de sua estréa. Apareceu com effeito, e correspondeu á expectação geral: tem uma voz cheia e sonora; corrigidos certos defeitos que são desculpaveis, visto, como nos dizem, não representa ha cinco annos, temos direito de esperar que nos ha de facultar boas noites passadas na embriaguez harmoniosa de uma musica suave. A proposito de theatros, julgamos dever fazer algumas considerações que nos parecem aproveitaveis, e que, attendidas, podem

trazer um grande melhoramento ás nossas cousas de theatro.

O theatro entre nós, já o disse alguém que muito respeitamos, vive de oscillações continuas que podem occasionar-lhe a morte. Ha uma verdade que ainda não foi comprehendida pelo nosso povo, e vem a ser que da vida dos artistas só lhe pertence esse momento sublime em que se levanta o fango e apparece o actor; — se é bom, applaudão-no, se máo, pateem-no, mas deixem-se de querer penetrar na vida particular dos artistas que esmorecendo-os e desanimando-os pôde fazer com que outros se não queirão abalançar a sujeitar sua vida privada ao cadinho da censura teimosa.

O artista é o ser por excellencia livre e independente.

Por outro lado é necessario que os directores do theatro, ou a companhia que os engaja, se compenetrem que só tem a ingerir-se na administração puramente theatral e na vigilancia zelosa que devem exercer para o fiel cumprimento da letra do contracto. Não queirão escravisar os artistas e sujeital-os inteiramente a esse poder desconhecido, mas nãmiamente poderoso, desses novos sultões; porque desse modo nunca teremos theatro.

Se tem havido quadra digna de aproveitar-se é a que corre actualmente: o theatro lyrico está hem preenchido, e pôde dar-nos noites bem agradaveis: o Sr. Bouché já está experimentado, e o publico applaudiu-o. A Sra. Charton igualmente, e o seu desempenho correspondeu perfeitamente á sua reputação: sabe pisar em scena, calcular seus movimentos; é uma boa artista. O Sr. Gentili já é muito conhecido para que fallemos delle. A Sra. Casaloni tem sempre arraucado numerosos applausos do publico que a tem ouvido. O Sr. Ferranti, no seu genero, supomos não dizer blasphemia asseverando que é o primeiro que cá tem vindo. Os outros já os conhecemos de mais.

O theatro é a escola do povo, quer elle se interesse pela vida do drama, quer se embriague na harmonia do canto; é sempre uma lição que recebe.

De modo que, o cultivo do espirito não entorpece os ouvidos para a educação da alma pelo mavioso das notas. O povo que se convença de seu logar e de sua posição, que se compenetre de sua dignidade; que teremos theatros. Os directores que por sua vez se compenetrem tambem de sua posição e seus deveres; que teremos artistas.

Nós aqui ficamos para honrar o talento, e criticar o deleixo. Defendremos os artistas que o merecerem, e inculparamos os oppressores que os quizerem curvar. O talento ha de andar sempre superior á essas questões de bastidores: cada um se comprehenda, que teremos theatros, e, com elle, um grande elemento de civilisação.

Aviso aos que promettem.

BOILEAU era pontualissimo em comparecer onde promettia ir — porque (dizia elle) tenho sempre observado que, os que estão á espera, de zangados que ficam, entretêm-se em passar revista aos defeitos da pessoa que os faz esperar.

Pensamentos.

Tres muitos, e tres poucos, são muito perniciosos ao homem. — Fallar muito e saber pouco; gastar muito e ganhar pouco; presumir de si muito e valer pouco.

A ingratidão é a porta por onde sahem aquelles que o reconhecimento embarça.

LOGOGRIPO.

Eis aqui, minhas leitoras,
Para vós vos entreter,
Um pequeno logogripho
Que valor não pôde ter.

A minha primeira, só,
Não tem jámais validade;
Mas muda o s por m,
Que bichinho de maldade!

Minha primeira e segunda
Faz toda a gente cõrtez,
E com o chapéo na mão
Assim se faz ao freguez.

A primeira e a terceira
E' cousinha desejada,
Todos me querem ter
Para a vida ser lograda.

A terceira e a primeira,
Desto o — u — sendo trocado,
E logo depois da terceira
Entre os dous bem collocado:

E' um nome divinal,
Que ao Anjo do seu amor
Costuma dar o amante
Quando ama com ardor.

O meu todo o que será?
Ou é flor — ou sentimento! —
Ou é flor — ou sentimento,
Que os nossos peitos abala!

Como flôr — desperta amor, —
Nesse amor — pungir de magoas, —
Nesse amor — pungir de magoas
Se desperta o sentimento! —

Innocencio Rego.

CHARADA.

Em mim tive a mãe de Deus; 2.
Dou trabalho aos estudantes. 2.
Da igreja arma valente,
Torna os papas triumphantes.

ENIGME.

Dans ma course brillante
Je creuse mon tombeau,
Le grand air m'épouvante
Et j'appréhende l'eau.
Le soir je suis d'usage
Chez les riches, les grands;
Je naquis au village
Je finis, tu n'entends.

Mademoiselle Brunet.



Acompanha este n.º 26 a musica de una linda modinha brasileira.